

Como citar esse artigo:

Pereira ECS, Torguato KEM, Fernandes PLC. MALEFÍCIOS DO NARGUILÉ A SAÚDE - MITOS E INFLUÊNCIA ENTRE JOVENS. Anais do 24º Simpósio de TCC do Centro Universitário ICESP. 2022(24); 482-489.

Esther Cristina Santos Pereira
Kauanny Estefane Marques Torquato
Patricia Luiza da Costa Fernandes

Resumo

Introdução: O narguilé é uma importante forma de consumo de tabaco entre os jovens. Por apresentar aromas e sabores agradáveis tem-se a ideia de que seja menos prejudicial à saúde. **Objetivo:** Identificar a prevalência do uso de narguilé entre jovens adultos do Distrito Federal (DF) e descrever os mitos e influências que existem acerca do seu consumo. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo transversal analítico e observacional. Participantes de 20 a 29 anos residentes do Distrito Federal (DF) responderam a um questionário online a respeito do consumo de narguilé. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário ICESP sob o número de parecer 5.401.634. **Resultado:** Participaram da pesquisa 515 jovens, a maioria com idade entre 20 e 22 anos (40,2%). A prevalência de jovens que fumam narguilé ou já experimentaram foi de 75,8%, destes, 31,3% se consideram fumantes e 45,8% fumam de forma esporádica. A curiosidade foi a principal motivação para experimentar o narguilé (47,7%) e a socialização o motivo para a prática contínua (56,6%). A maioria dos participantes acredita que o narguilé causa malefícios à saúde (97,5%), porém acha o cigarro mais prejudicial (57,8%). **Conclusão:** Existe uma alta prevalência de experimentação e uso de narguilé entre jovens adultos do DF e apesar de terem ciência que acarreta problemas à saúde, isso não é um empecilho significativo para o seu consumo.

Palavras-Chave: 1. Narguilé; 2.jovem; 3.malefícios; 4.mitos.

Abstract

Introduction: Water Pipe is an important way of tobacco consumption among young people. Due to its pleasant smells and flavors, it is thought to be less harmful to health. **Objective:** To identify the prevalence of waterpipe use among young adults in the Distrito Federal (DF) and describe the myths and influences that exist about its consumption. **Materials and Methods:** This is an analytical and observational cross-sectional study, where participants aged 20 to 29 years living in the DF answered an online questionnaire about water pipe consumption. The study was approved by the Ethics and Research Committee of the Centro Universitário ICESP under opinion number 5.401.634. **Results:** 515 people participated in the survey, most aged between 20 and 22 years (40.2%). The prevalence of young people who smoke water pipes or have tried was 75.8%, of these, 31.3% consider themselves smokers and 45.8% smoke sporadically. Curiosity was the main motivation for trying the water pipe (47.7%) and socialization was the reason for continuing to practice (56.6%). Most participants believe that water pipes cause harm to health (97.5%), but think cigarettes are more harmful (57.8%). **Conclusion:** There is a high prevalence of experimentation and use of water pipes among young adults in the DF and despite being aware that it causes health problems, this is not a strong obstacle to consumption.

Keywords: 1. Water pipe; 2.youth; 3.harms; 4.myths.

Contato: patricia.fernandes@icesp.edu.br, esther.pereira@souicesp.com.br, kauanny.torquato@souicesp.com.br

Introdução

O narguilé (ou hookah) é um cachimbo de água, usado para o fumo de tabaco e de algumas substâncias psicoativas. Ele é composto pelo forninho, onde a mistura do tabaco e essência é depositada, por um filtro de água, por onde passa a fumaça gerada no forninho, antes de ser aspirada pelo fumante, por meio de uma longa mangueira (RIBEIRO; CRUZ, 2019).

O fumante de narguilé tem a opção de escolher os aromas que são adicionados ao tabaco, as chamadas essências, tais como hortelã, morango, melancia e outras. A função desses aditivos é dar um sabor mais suave à fumaça (MARTINS et al., 2014).

O narguilé se originou na Índia, por volta do século XVI, e teve seu uso propagado pelo mundo. No Brasil o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estima que existam mais de 2,5 milhões de usuários de narguilé (RIBEIRO; CRUZ, 2019).

O tabagismo é considerado a mais grave causa evitável de mortes e doenças prematuras

no mundo, aproximadamente um terço da população adulta mundial faz o uso do tabaco ou de algum de seus subprodutos. O narguilé se tornou um dos principais meios de consumo de tabaco (MUKAD, 2014).

Segundo o Instituto Nacional de Câncer - INCA (2019) uma sessão de narguilé dura cerca de uma hora e equivale a fumar 100 ou mais cigarros. Isto é um fator agravante para o desenvolvimento das doenças pulmonares, como as Doenças Pulmonares Obstrutivas Crônicas (DPOC) e as doenças cardiovasculares.

Apesar da crença de que o narguilé seja menos nocivo do que o cigarro, sabe-se que ambos contêm nicotina e produtos de combustão. A fumaça do narguilé contém várias substâncias tóxicas que também estão presentes no cigarro como o monóxido de carbono e o benzeno, porém em quantidades maiores. O narguilé possui de 10 a 30 vezes mais monóxido de carbono que o cigarro e cerca de seis vezes mais benzeno (JORDÃO; BANDEIRA; ABREU, 2021).

Outro risco à saúde com o uso do narguilé é o compartilhamento do bocal da mangueira, que

pode facilitar a transmissão de microrganismos, como o coronavírus e bactérias que causam por exemplo a tuberculose, hepatite C e a mononucleose (ASLAM *et al.*, 2014; OMOTEHINWA *et al.*, 2018)).

O uso do narguilé por jovens e adultos é preocupante dada a sua crescente disseminação global e as evidências crescentes de seus efeitos prejudiciais à saúde. Além disso, estudos sugerem que muitos jovens acreditam que o narguilé seja menos prejudicial à saúde do que outros tipos de tabaco (BERTONI *et al.*, 2021). Neste sentido, o estudo objetivou identificar a prevalência do uso de narguilé entre jovens adultos do Distrito Federal (DF) descrevendo os mitos e influências que existem acerca do seu consumo.

Materiais e Métodos

Trata-se de um estudo transversal analítico e observacional, realizado de acordo com as normas das Resoluções 196/96 e 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A amostragem seguiu a técnica de Bola de Neve, onde os indivíduos participantes convidam pessoas da sua rede de amigos e conhecidos para participar. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário ICESP, sob o número de parecer 5.401.634 (CAAE: 59779222.9.0000.8118). A coleta de dados foi realizada de setembro a outubro de 2022.

Os critérios de inclusão da população da pesquisa foram jovens adultos na faixa etária de 20 a 29 anos residentes no DF, que já tenham ou não feito uso do narguilé.

Considerando que o Distrito Federal tem 485.187 jovens entre 20 e 29 anos, segundo estimativa do CODEPLAN de 2018, foi calculada uma amostra mínima de 384 participantes para atingir uma taxa de confiabilidade de 95% e uma margem de erro de 5% para mais ou para menos.

O questionário para a pesquisa de campo continha somente questões objetivas e foi elaborado com base na entrevista que consta no trabalho do INCA: Narguilé: O que sabemos? (INCA, 2019). O questionário foi elaborado no programa Google Formulários. Foram elaboradas 20 questões, onde 4 diziam respeito aos dados sociodemográficos e 16 ao tema da pesquisa. O formulário foi dividido em duas etapas, sendo a primeira para todos os participantes e a segunda somente para aqueles que responderam que fumam ou já fumaram narguilé.

O questionário foi distribuído para os participantes por meio de redes sociais, como: Instagram, whatsapp e facebook, tratando-se,

portanto, de uma amostra por conveniência. Antes de iniciar o preenchimento do questionário, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) era apresentado ao participante, que tinha a opção de concordar com o TCLE e prosseguir com a pesquisa ou de recusar e não participar.

A distribuição das regiões administrativas foi feita conforme as sete Regiões de Saúde, constante nos Decretos nº 37.057/2016 e 38.982/2018. Sendo assim, a região Oeste compreende: Sol Nascente, Ceilândia e Brazlândia. Região Sudoeste: Samambaia, Recanto das Emas, Vicente Pires, Taguatinga, Arniqueiras e Águas Claras. Região Sul: Gama e Santa Maria. Região Centro Sul: Riacho Fundo I, Riacho Fundo II, SCIA, SIA, Núcleo Bandeirante, Guará, Candangolândia, Lago Sul e Park Way. Região Leste: Paranoá, Itapoã, Jardim Botânico e São Sebastião. Região Central: Cruzeiro, Varjão, Lago norte, Sudoeste/Octagonal, Plano piloto/Asa sul e norte. Região Norte: Fercal, Sobradinho I, Sobradinho II e Planaltina.

A análise estatística foi realizada por análise descritiva dos dados sociodemográficos e das variáveis estudadas, sendo apresentadas as frequências absoluta (n) e relativa (%), e em alguns casos a média, por meio de gráficos e tabela.

Resultado

Participaram da pesquisa 515 jovens, destes, 390 responderam às perguntas específicas direcionadas apenas aos que já experimentaram ou são fumantes regulares de narguilé. Todos responderam as perguntas sociodemográficas e as abrangentes acerca do cachimbo de água. Os jovens tinham entre 20 e 29 anos e eram residentes no Distrito Federal. A idade média dos participantes foi de 23,7 anos e a mediana da idade foi de 23 anos, no entanto predominou aqueles com idade entre 20 e 22 anos (40,2%). A amostra foi composta predominantemente por jovens com ensino superior, aproximadamente 82,0% dos respondentes. Quanto ao local em que residem houve predominância da região sudeste do DF (50%), seguido pelas regiões Oeste e Centro Sul, ambas com 16,0%, conforme a Tabela 1.

TABELA 1 - Caracterização do perfil sociodemográfico da população estudada.

Dados Sociodemográficos	% (N)
Idade	
Entre 20 a 22 anos	40,2% (207)
Entre 23 a 25 anos	32,8% (169)
Entre 26 a 29 anos	27,0% (139)

Escolaridade

Ensino fundamental	2,2% (11)
Ensino médio	16,0% (82)
Ensino superior	81,9% (422)

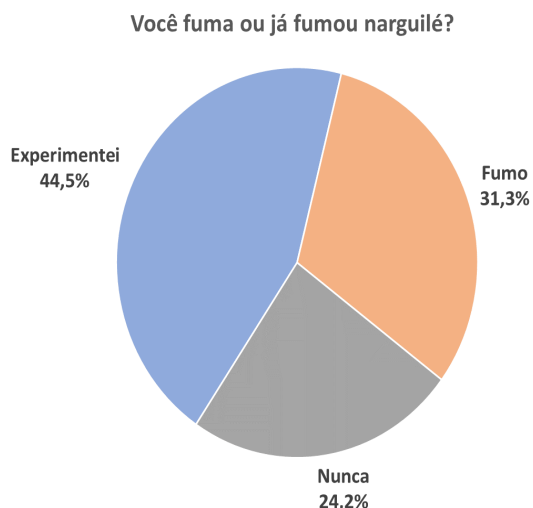
Moradia

Região Oeste	16,2% (83)
Região Sudeste	50,0% (256)
Região Sul	7,0% (36)
Região Centro Sul	16,0% (82)
Região Leste	2,2% (11)
Região Centro norte	6,7% (34)
Região Norte	2,2% (11)

*% = frequência relativa; N = frequência absoluta

A prevalência de participantes que apenas experimentaram o narguilé foi de 44,5% (229), a taxa de participantes que se consideram usuários foi de 31,3% e 24,2% disseram que nunca usaram (figura 1).

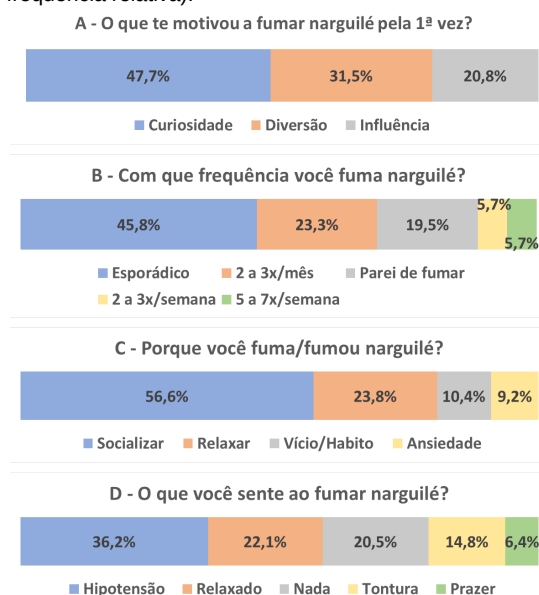
Figura 1 - Prevalência da experimentação de narguilé.



Quando perguntado sobre o que os motivou a fumar pela primeira vez, os participantes que já experimentaram ou que se consideram usuários, a curiosidade foi a motivação predominante para experimentar 47,7% (186), enquanto 31,5% experimentou por diversão e 20,8% experimentou por influência de outras pessoas (figura 2A). Dentre os participantes que já experimentaram/fumaram narguilé, 45,8% (129) afirmaram que fazem uso esporádico, 23,3% (66) responderam que fazem uso de 2 a 3 vezes no mês, 19,5% (55) já foram fumantes regulares porém abandonaram o hábito, 5,7% fazem uso 2 a 3 vezes na semana e 5,7% usam entre 5 a 7 vezes por semana. Ainda na figura 2C, quanto o porquê para o consumo usual do produto, 56,7% (221) dos usuários fumam para socializar nos ambientes que tem narguilé, já 23,8% (93) dos

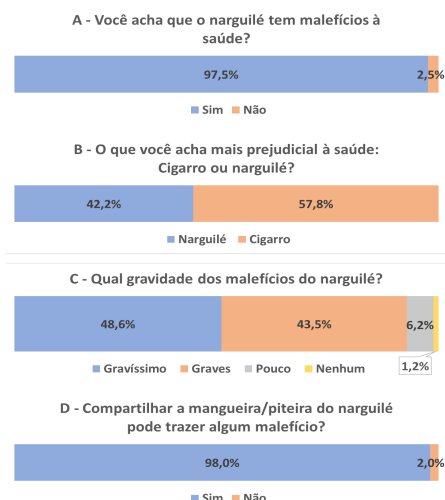
usuários afirmam usar para relaxar, 10,4% (40) fumam por possuir hábito ou vício do narguilé e 9,2% (36) responderam que fumam para alívio da ansiedade ou depressão. Outro aspecto pesquisado foi a sensação dos jovens durante o fumo do narguilé, 36,2% (141) disse sentir hipotensão, 22,1% (86) se sente relaxado, 20,5% (80) não sente nada, 14,8% (58) sente tontura e 6,4% (25) relata sentir prazer.

Figura 2 - Motivações e Frequência de consumo. A. Motivações para a experimentação do narguilé; B. Frequência de consumo de narguilé; C. Motivações para consumo continuado de narguilé; D. Sensações durante o consumo (% = frequência relativa).



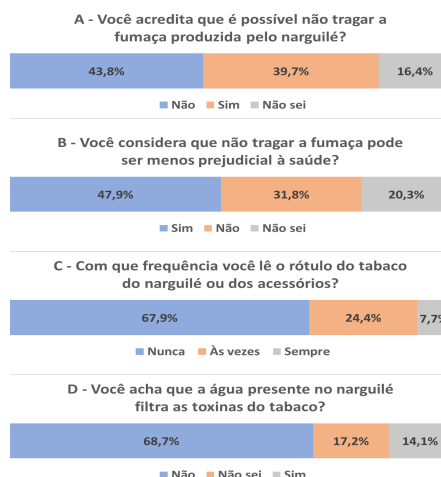
A respeito dos malefícios do narguilé, 97,5% (502) dos participantes indicaram que o narguilé traz malefícios à saúde (figura 3A). Já quando perguntados sobre os malefícios do narguilé comparado aos do cigarro, 57,8% (296) acreditam que o cigarro causa mais danos à saúde (figura 3B). Em relação à gravidade dos danos à saúde causados pelo narguilé (figura 3C), 48,6% dos participantes responderam que o narguilé traz malefícios gravíssimos à saúde, 43,5% responderam que são malefícios graves, 6,2% responderam que são pouco graves e 1,2% responderam que o fumo do narguilé não acarreta em prejuízos à saúde. Quando questionados se compartilhar a mangueira, por onde se aspira a fumaça, pode trazer problemas à saúde, 98,0% (382) acredita que pode trazer algum malefício à saúde (figura 3D).

Figura 3 - Percepção sobre os malefícios do narguilé. A. Percepções acerca dos malefícios do narguilé; B. Percepção a respeito dos malefícios causados pelo narguilé comparados ao cigarro; C. Percepção da gravidade dos malefícios; D. Percepção sobre o potencial malefício do compartilhamento da piteira do narguilé (% = frequência relativa).



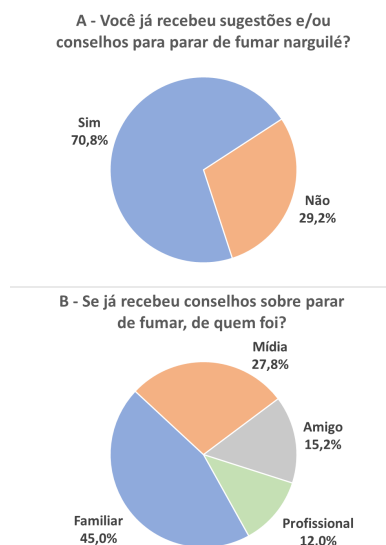
Entre os participantes que já usaram ou usam narguilé, 43,8% (171) dos respondentes disseram que não é possível não tragar a fumaça produzida no narguilé, 39,7% (155) acreditam que é possível não tragar a fumaça produzida durante o fumo e 16,4% (64) não souberam responder (figura 4A). Quanto ao prejuízo que essa fumaça pode trazer à saúde, 47,9% (149) disseram que não tragar a fumaça é menos prejudicial à saúde, já 31,8% (99) responderam que não tragar a fumaça não é menos prejudicial e 20,3% (63) não souberam responder. A respeito da leitura dos rótulos estampados nos frascos das essências, 67,9% (265) afirmaram nunca terem lido esses rótulos, 24,4% (95) disseram que leem às vezes e apenas 7,7% (30) afirmaram ler esses avisos sempre que fumam. Em relação à água presente no corpo do narguilé, a pesquisa revelou que 68,7% (268) dos participantes não acreditam que essa água filtra as toxinas do tabaco, enquanto 14,1% (55) acreditam que a água filtra essas substâncias tóxicas e 17,2% (67) dos participantes não souberam responder (figura 4D).

Figura 4 - Crenças e mitos a respeito do narguilé. A. Crenças sobre tragar a fumaça produzida; B. Malefícios em tragar a fumaça; C. Frequência de leitura dos rótulos de aviso presente nas essenciais; D. Crenças a respeito da água presente no corpo do narguilé (% = frequência relativa)



Conforme mostra a figura 5A, 70,8% (276) dos usuários questionados relataram já ter recebido conselhos sobre o abandono do consumo de narguilé, enquanto 29,2% (114) nunca receberam orientação a esse respeito. Daqueles que já receberam conselhos sobre o abandono da prática, 45,0% (124) receberam conselhos de algum familiar, 27,8% (77) receberam de algum meio de comunicação, 15,2% (42) responderam que receberam de um amigo e 12,0% (33) afirmaram ter recebido o conselho de um profissional da saúde (figura 5B).

Figura 5 - A - Orientações sobre o abandono da prática; B - Pessoas que sugeriram o abandono da prática (% = frequência relativa).



Discussão

O uso do narguilé é um tema de relevância para a saúde pública, em especial dos jovens, dada a sua disseminação global e a comprovação de seus malefícios.

Esta pesquisa mostrou que, para a faixa etária pesquisada, a maior parte (40,2%) dos usuários ou experimentadores do narguilé têm entre 20 e 22 anos. Na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) realizada em 2019 a predominância do uso do narguilé na população geral foi de jovens entre 14 e 24 anos (MALTA *et al.*, 2021). A escolaridade predominante neste estudo foi o ensino superior completo ou incompleto (81,9%). A PNS realizada em 2013 também mostrou que o uso do narguilé era predominante na faixa etária mais jovem com escolaridade média à alta (MENEZES *et al.*, 2013). A maioria dos participantes (50%) pertencem à região sudeste de Brasília (Samambaia, Recanto das Emas, Vicente Pires, Taguatinga, Arniqueiras e Águas Claras) refletindo um viés da amostragem por conveniência, uma vez que essa é a região de maior influência dos autores.

A prevalência de jovens que fumam narguilé ou já experimentaram foi de 75,8%, destes, 31,3% se consideram fumantes. Apenas 24,3% nunca fumaram. Em um estudo também realizado em Brasília, dos 400 entrevistados 60,4% referiram ter experimentado narguilé (BOULHOSA; FERREIRA; REZENDE, 2018). Em outro estudo realizado com estudantes de enfermagem em Brasília, dos 179, 61% responderam que o narguilé é a derivação do tabaco preferida para uso (TEIXEIRA, 2017). Uma pesquisa realizada em São Paulo com 106 universitários, o índice de usuários foi de 33,8%, sendo que desses, 31% se consideraram fumantes ocasionais (PAIVA *et al.*, 2020).

Este estudo evidenciou que dentre os fumantes, 45,8% fumam de forma esporádica, seguidos de jovens que fumam apenas algumas vezes no mês 23,3%. Isso vai em conformidade com um estudo realizado na Universidade Evangélica de Goiás, onde o uso esporádico também predominou, com 79,2% das respostas (BRAGA *et al.*, 2021). Um estudo realizado na Palestina, Jordânia e Turquia, onde culturalmente o narguilé é bastante popular, 48,4% dos entrevistados fumavam no mínimo uma vez ao dia (HAWASH *et al.*, 2022). Uma pesquisa realizada em uma Universidade de Curitiba encontrou que 98% dos entrevistados fumam narguilé mensalmente ou semanalmente (PAIVA *et al.*, 2020).

Quanto à motivação para experimentar o narguilé, predominou a curiosidade 47,7% (186). Um estudo realizado em Mato Grosso mostrou

resultado semelhante, no qual dos 95 participantes 61,11% experimentaram o narguilé motivados pela curiosidade (LOPES, 2016). Também no estudo realizado em Goiás dos 505 participantes 42,5% fumaram por curiosidade (BRAGA *et al.*, 2021). A disseminação de informações relacionada aos malefícios do narguilé poderia contribuir para se contrapor a essa curiosidade.

A maioria dos participantes da pesquisa acredita que o narguilé faz mal à saúde (97,5%). Em relação a isso, Paiva e colaboradores (2020), encontraram um índice de 61,5% entre universitários da área da saúde que acreditam que o narguilé seja prejudicial à saúde. Vale ressaltar que narguilé pode causar várias doenças como câncer de boca e pulmão, doenças pulmonares, cardiovasculares e infectocontagiosas, por exemplo a tuberculose e a hepatite C. (MAZIAK *et al.*, 2015; ASLAM *et al.*, 2014).

Quando perguntados sobre qual forma do tabaco é mais prejudicial à saúde, se o narguilé ou o cigarro, a maioria dos entrevistados 57,8% (296 jovens) indicaram que o cigarro seria mais nocivo que o narguilé. Em concordância a isso, uma pesquisa realizada em uma Universidade do Estado da Geórgia (EUA), com estudantes da saúde, dos 319 entrevistados 58% acreditavam que fumar cigarro era mais prejudicial do que fumar narguilé (ALQAHTANI *et al.*, 2019). Uma pesquisa realizada em Goiânia, revelou que 47,7% dos 153 participantes não souberam opinar sobre qual era mais prejudicial (PIRES, MAGALHÃES, 2022). Outro estudo, realizado com estudantes da área da saúde de Curitiba, identificou que 61,5% acreditam que o narguilé é menos prejudicial que o cigarro (PAIVA *et al.*, 2020). É importante ratificar que o narguilé possui mais substâncias deletérias à saúde que o cigarro (SOUZA; BARTOLOMEU; DORTE, 2020).

O compartilhamento da piteira do narguilé pode causar doenças infectocontagiosas como a tuberculose, hepatite C e a COVID-19 (IBGE, 2021; ASLAM *et al.*, 2014). Neste sentido, a grande maioria (97,9%) respondeu que compartilhar a piteira pode sim representar algum risco ou gerar doenças para os usuários. Uma pesquisa realizada em uma Universidade no Sul do Brasil mostrou que 91,6% dos 117 usuários de narguilé afirmaram compartilhar a mangueira (FREIBERGER *et al.*, 2021). E ainda, na pesquisa realizada em Goiânia 94,1% disseram que doenças infecciosas podem ser transmitidas pelo bocal do narguilé (PIRES, MAGALHÃES, 2022). Nesse sentido, percebe-se que os usuários conhecem os riscos, porém isso não inibe o consumo de narguilé.

Para verificar a consciência dos usuários quanto aos malefícios explicitados no rótulo da essência ou acessórios do narguilé, questionou-se

a frequência com que liam o rótulo, e o resultado mostrou que a maioria, 67,9%, nunca leu. Uma pesquisa realizada em uma Universidade do Sul do Brasil mostrou que dos 427 universitários, 74,1% mencionaram que nunca leram o rótulo dos produtos utilizados (FREIBERGER *et al.*, 2021).

Um mito que perpassa o narguilé é de que é possível não tragar a fumaça produzida, o que foi evidenciado pelas 155 respostas (39,7%).. Os estudos indicam que tragar ou não a fumaça do narguilé, não faz diferença, pois a fumaça atinge as células da mucosa bucal e chega às hemácias sanguíneas (BURITI, AZZOLINI, HUF, 2020).

Em relação ao mito de que a água presente no jarro do narguilé filtra as impurezas e toxinas do tabaco, a maioria dos participantes (68,7%) acha que isso não é verdade, e 17,2% não souberam responder. Esse resultado pode estar relacionado à escolaridade de nível superior predominante dos participantes, que foi ensino superior completo e incompleto. Uma pesquisa realizada com universitários da Turquia, encontrou que 27,8% dos usuários de narguilé acreditam que a água é capaz de filtrar as toxinas (KARAMAN; ÇEBER; ERASLAN, 2018).

A orientação de profissionais de saúde a fim de diminuir a prática do tabagismo deve ser estimulada, uma estratégia seria campanhas de educação em saúde. Dos 390 respondentes, 29,2% (114) nunca foram aconselhados a abandonar o vício. O enfermeiro tem um importante papel para as ações de prevenção ao tabagismo em seu posto de trabalho, ele pode falar e aconselhar seus pacientes sobre os malefícios advindos do uso do tabaco (CRUZ; GONÇALVES, 2010). A conscientização a respeito dos reais malefícios do narguilé poderia reduzir o seu consumo.

Sobre os jovens desta pesquisa terem sido aconselhados a parar de fumar narguilé apenas 12% responderam que já foram orientados por um profissional de saúde. Em relação a isso, uma pesquisa realizada na Nigéria (252) 80% achavam que os profissionais de saúde deveriam aconselhar rotineiramente as pessoas a evitarem o uso do narguilé e além disso, receber treinamento específico para orientações acerca dos malefícios e riscos à saúde causados pelo narguilé (FAGBULE; CADMUS, 2022).

Apesar de pouco conhecidas, existem regulamentações que proíbem o consumo de narguilé em locais fechados, públicos ou privados (Lei 9.294/96 e suas alterações). É necessário aumento na fiscalização de estabelecimentos que vendem produtos de narguilé. É fundamental campanhas de divulgação e esclarecimento sobre a legislação de venda do narguilé.

É necessário que mais estudos acerca do

narguilé sejam realizados a fim de subsidiar o desenvolvimento de políticas públicas de saúde voltadas para o combate dessas novas formas de consumo do tabaco, como o narguilé.

Conclusão

O presente estudo encontrou um alto índice de usuários de narguilé entre jovens adultos do DF, portanto é de fundamental importância a criação de políticas públicas que visem a prevenção da experimentação do narguilé, bem como regulamentações que restringem e dificultam o acesso do público aos componentes necessários para fumo do narguilé. A pesquisa mostrou que uma quantidade significativa dos jovens sabem que o narguilé causa malefícios à saúde e mesmo assim acabam experimentando o produto, principalmente por curiosidade e para socializar nos ambientes que têm narguilé. Observou-se também que de fato existe a falsa crença de que o narguilé é menos prejudicial à saúde do que o cigarro.

Agradecimentos

A orientadora Professora Doutora Patrícia Costa por toda dedicação, disponibilidade, empenho e vontade de fazer dar certo. A nossa família, pelo apoio imprescindível.

Referências:

- ASLAM H.M *et al.*, Efeitos nocivos do shisha: revisão de literatura. *Int Arch Med*, Iraque v.7 p.16, abr. 2014.
- ALQAHTANI, Mohammed M. *et al.* Waterpipe smoking in health-care students: prevalence, knowledge, attitudes, and motives. *Respiratory Care*, v. 64, n. 3, p. 321-327, 2019.
- BERTONI, Neilane, *et al.* "Prevalência de uso de dispositivos eletrônicos para fumar e de uso de narguilé no Brasil: para onde estamos caminhando?". *Revista Brasileira de Epidemiologia* 24 (2021).
- BRAGA, Ana Vitória Costa *et al.* A socialização por meio da fumaça: o uso de narguilé entre estudantes de medicina. Repositório institucional, 2021.
- BURITI, Wictor Moreira; AZZOLINI, Simone Sant'Anna; HUF, Magda Dorotea Zimmer. A popularização do narguilé entre jovens brasileiros *International Studies Coepta 3-4 (International Studies on Law & Education 34-45)* jan-ago 2020.
- CRUZ, MS. GONÇALVES, MJF. O papel do enfermeiro no Programa Nacional de Controle do Tabagismo. *Rev. Bras. Canc*, Manaus, v.56, n.1, p. 35-42, mar./nov. 2010.
- FREIBERGER, Natanyelle Steffen *et al.* Características associadas à utilização do narguilé em adultos jovens em uma universidade do sul do Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde*, v. 8, n. 16, p. 48-53, 2022.
- FAGBULE, O. F. *et al.* Predictors of Shisha Use among Medical and Dental Students in Ibadan, Nigeria. *Nigerian Journal of Clinical Practice*, v. 25, n. 7, p. 979, 2022.
- Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Narguilé: o que sabemos? / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva.– Rio de Janeiro: INCA, 2019.
- FERNANDES *et al.*, "FATORES DE RISCO E EXPERIMENTAÇÃO DO TABACO POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES." 11º Congresso Internacional da Rede Unida. 2014.
- JORDÃO, Victor Phillip Holanda; BANDEIRA, Jonathan Matias; DE CARVALHO ABREU, Clézio Rodrigues. FATORES COMPARATIVOS RELACIONADOS AO USO DO NARGUILÉ E DO CIGARRO. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, v. 4, n. 8, p. 309-317, 2021.
- KARAMAN, Neslihan Güney; ÇEBER, Çiğdem Ünlü; ERASLAN, Serife. Waterpipe tobacco smoking among university students in Turkey. *Addictive Behaviors Reports*, v. 15, p. 100409, 2022.
- OMOTEHINWA, Omoboriowo Joad *et al.* Uso de shisha entre estudantes de uma universidade particular na cidade de Kigali, Ruanda: prevalência e fatores associados. *BMC saúde pública* , v. 18, n. 1, pág. 1-10, 2018.
- PIRES, Julia Magalhães. Conhecimento de acadêmicos de fisioterapia sobre os efeitos do narguilé. Repositório Acadêmico da Graduação (RAG), 2022.
- MARTINS, S.R *et al.*, Experimentação de conhecimento sobre narguilé entre estudantes de medicina de uma importante universidade do Brasil. *J. Bras. pneumol*, v.40 n.2 São Paulo março/abril 2014.
- MALTA, Deborah Carvalho *et al.* Uso, cessação, fumo passivo e exposição à mídia do tabaco no Brasil: resultados das Pesquisas Nacionais de Saúde 2013 e 2019. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 24, 2021.
- MENEZES, Ana Maria Baptista *et al.* Frequência do uso de narguilé em adultos e sua distribuição conforme características sociodemográficas, moradia urbana ou rural e unidades federativas: Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), 2013. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 18, p. 57-67, 2015.
- MUAKAD W, BATISTA. Tabagismo: maior causa evitável de morte do mundo. *Faculdade de direito de São Paulo*, v 109, p 527-558, 2014.

MAZIAK W. A epidemiologia global do tabagismo *et al.* Tob control, v.24 m.3 a 12, 2015.

HAWASH, Mohammed *et al.* The Prevalence of Water Pipe Smoking and Perceptions on its Addiction among University Students in Palestine, Jordan, and Turkey. Asian Pacific Journal of Cancer Prevention, v. 23, n. 4, p. 1247-1256, 2022.

PAIVA, Michelle Oliveira *et al.* Prevalência do uso de narguilé entre universitários da área da saúde. Revista de Medicina, v. 99, n. 4, p. 335-341, 2020.

RIBEIRO, Marcos; CRUZ, Regina Celina. Jovens e o uso do narguilé: a saúde pode ser comprometida? Cardiorespiratory Physiotherapy, Critical Care and Rehabilitation, v. 7, n. 1, p. 7-10, 2019.

SOUZA, Andressa Maria Reginaldo; BARTOLOMEU, Hillary Zanette Bernuci; DOS SANTOS DORTE, Rafaela Lemos. Uso do Narguilé e efeitos deletérios à saúde: revisão de literatura. CONNECTION LINE-REVISTA ELETRÔNICA DO UNIVAG, n. 22, 2020.

TAVARES, Isabela Boulhosa; CORDEIRO, Karina Ferreira; NAPOLI, Allan Eurípedes Rezende. Prevalência e perfil de universitários que fumam narguilé no Distrito Federal. Programa de Iniciação Científica-PIC/UnICEUB-Relatórios de Pesquisa, v. 4, n. 1, 2018.

TEIXEIRA, Samuel Rios. Prevalência do uso de álcool e de tabaco entre alunos do curso de enfermagem em duas faculdades privadas do Distrito Federal. 2017. 101 f., il. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.